



## **Análise e perspectivas dos coprodutores frente à Comunidade que Sustenta a Agricultura**

Analysis and perspectives of co-producers in one Community Supporting Agriculture

ALCANTARA, Lorena Rafaela da Rocha<sup>1</sup>; CHIMALLI, Tessa<sup>2</sup>; NETO, Arnaldo Nickel<sup>3</sup>; COSTA, Cássia Araújo Bernardes da<sup>4</sup>; SILVA Rodrigo Rodrigues da<sup>5</sup>; PIN, Gabriel Almeida.

<sup>1</sup>Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Itapina, lozenarafaelarocha@gmail.com; <sup>2</sup>Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Itapina, tessa.chimalli@ifes.edu.br; <sup>3</sup>Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Itapina, arnaldonickelneto@hotmail.com; <sup>4</sup>Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Itapina, cassiabernardes05@htmail.com; <sup>5</sup>Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Itapina, rodrigorodrigues303@gmail.com; Federal do Espírito Santo - Campus Itapina, gabrielpin112@hotmail.com.

### **Eixo temático: Economias dos sistemas agroalimentares de base agroecológica**

**Resumo:** A Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) vem com a proposta de um modelo de comercialização dos produtos agroecológicos oriundos da agricultura familiar, através da venda direta baseado na economia associativa, aonde os consumidores financiam a agricultura, os tornando coprodutores, promovendo uma venda viável e justa onde ambos se beneficiam. Assim, este trabalho teve como objetivo fazer um levantamento através de entrevistas por questionário referente as potencialidades, desafios e a qualidade do programa CSA “Terra Viva”, abordando questões de aceitação, interação e satisfação dos coprodutores analisados através de estudo de caráter qualitativo-descritivo. Os resultados do trabalho evidenciaram que embora o programa esteja se estruturando, mostrou excelente desempenho, com a possibilidade de expansão para outros tamanhos de cotas, e que as pessoas ainda tem muita dificuldade com aceitação dos produtos menos comerciais.

**Palavras-chave:** Agroecologia; Comunidade que Sustenta a Agricultura; Agricultura familiar; comercialização direta;

**Keywords:** Agroecology; Community Supporting Agriculture; Family Agriculture; Direct Marketing.

## **Introdução**

Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) é um modelo que se surgiu no Japão na década de 1970, sendo hoje um movimento recente e crescente no Brasil. Trata-se de um modelo de comercialização agrícola com base na Agroecologia e economia associativa e que traz a proposta de oferecer aos pequenos produtores a possibilidade de uma venda economicamente viável e justa (HITCHMAN, 2015). Nesse modelo, os consumidores se comprometem tanto quanto os agricultores, compartilhando os riscos e os benefícios que a produção possa gerar, tornando-se assim, coprodutores ou também chamados coagricultores.



A produção é feita através de uma espécie de financiamento, no qual são feitos pagamentos mensais antecipados, o que garante o recebimento de uma cesta de alimentos orgânicos semanal. A quantidade e diversidade desses alimentos recebe o nome de cota, onde cada grupo adapta suas especificidades de acordo com a demanda a partir de suas características locais, sendo acordado previamente nas reuniões de formação dos grupos, podendo ela, ter variação de acordo com desempenho da produção dos agricultores e necessidade dos coprodutores.

Esse tipo de comercialização é embasado pela possibilidade de comercialização direta de produtos orgânicos, por meio de uma certificação denominada Organização de Controle Social (OCS), a qual consiste numa forma de regularização da produção orgânica, que garante a qualidade e legitimidade do produto ser orgânico e estabelece uma relação de confiança entre os agricultores e os consumidores por meio de venda direta. As OCS são cadastradas junto à Superintendência Federal de Agricultura do seu Estado ou do Distrito Federal, os grupos de agricultores vinculados devem ser cadastrado no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), os quais são responsáveis em controlar a produção e comercialização de produtos orgânicos (CARNEIRO, 2016).

O consumo de alimentos proveniente da agricultura familiar traz embutido nesse processo de venda direta a emancipação dos produtores, permitindo trabalhar melhor as diversidades, sazonalidades e o preço justo em uma relação sadia em que ambos se beneficiam (GONÇALVES, 2016).

Assim, este trabalho teve como objetivo fazer um levantamento das potencialidades, desafios e a qualidade do programa CSA “Terra Viva”, abordando questões de aceitação, interação e satisfação dos coprodutores.

## **Metodologia**

Este estudo foi desenvolvido com o grupo de coprodutores e agricultor da CSA Terra Viva, a qual é formada por servidores públicos do Instituto Federal do Espírito (IFES) campus Itapina.

O estudo teve caráter qualitativo-descritivo, segundo a metodologia proposta por Gil (2008), e utilizou questionários como instrumento para o levantamento de dados, os quais foram previamente estruturados por meio da equipe do Núcleo de Estudos em Agroecologia NEA – Watu. Os questionários foram estruturados com 30 questões, sendo quinze (15) abertas, cinco (05) de múltipla escolha e dez (10) fechadas, aplicados entre os dias 21 e 31 de maio de 2019 e atingiu a participação de 100% do universo amostral, quando a CSA Terra Viva ainda possuía 15 coprodutores associados.



A pesquisa visou-se conhecer às demandas familiares, características de consumo dos coprodutores, a satisfação de participar do CSA - Terra Viva e as demandas familiar dos coprodutores associados.

## **Resultados e Discussão**

A CSA “Terra Viva” iniciou sua atividade em dezembro de 2018, por meio de uma das ações do projeto desenvolvido no município de Colatina “Da Terra ao Prato”, de iniciativa externa por um Coletivo de São Paulo e que veio ao IFES-Campus Itapina com a proposta de estruturar um grupo de consumo de alimentos orgânicos. A Comunidade é formada somente por servidores públicos e atualmente possui vinte e um (21) coprodutores.

Dos coprodutores envolvidos 93% gostariam, mas ainda não visitaram as propriedades fornecedoras. Mesmo assim, quando questionados sobre a confiança nos produtos recebidos, 100% dos entrevistados confirmaram confiar na qualidade dos alimentos, isso porque as propriedades possuem certificação social como alimento orgânico, garantida por meio da OCS.

Quando questionados sobre a preocupação com a qualidade dos alimentos que consumiam, 74% responderam ter tal preocupação e apenas 26% disseram que não a possuem. Nota-se que esse tipo de programa tende a atrair um público específico, em sua maioria, preocupado com saúde e alimentação. Em relação ao questionamento sobre a qualidade dos produtos, como sabores, textura e estética, 60% relataram sentir muita diferença, dentre as quais foram apontadas a sanidade dos produtos, sabor, textura, aparência (cores mais intensas) e tamanho. Embora 40% dos entrevistados relataram sentir pouca distinção, nenhum deles declarou que essa diferença não existe.

Os acordos das CSAs são feitos com o consenso do grupo participante, e foram construídos de forma coletiva por meio de reuniões prévias ocorridas entre agricultores e os servidores na própria Instituição. Quando questionados sobre a necessidade de mudanças no modelo atual dos acordos, 80% disseram não necessitar e 20% responderam que sim, referindo-se ao desejo de mudanças no período de férias escolar, onde se ausentam da cidade neste período. Essa sugestão veio porque entre os acordos coletivos combinados na reunião de formação ficou combinado que a entrega aconteceria normalmente durante esse período de recesso, onde cabe a cada coprodutor decidir qual destino dará a sua cesta, conforme relatado abaixo:

“Hoje já temos pessoas no grupo que doam para amigos algumas cestas quando pretende se ausentar durante a semana, a fim de mostrar a qualidade e diversidade dos produtos fortalecendo a divulgação”.



Na análise se as demandas dos coprodutores são atendidas pela cesta da CSA “Terra Viva”, identificou-se que mais de 50% das demandas semanais de feira dos associados são contempladas por meio da cesta do CSA, mas quando analisada quantas pessoas realmente se alimentam dessa cesta orgânica, é perceptível que há grande variedade na rotina dos associados, bem como nos seus hábitos alimentares, o que dificultou a identificação quantitativa das pessoas que se beneficiam regularmente do consumo das cestas.

Em relação ao valor cobrado mensalmente, 100 % acham esse valor justo, considerando-se apropriado o valor pago pela cota, uma vez que ele foi proposto pelo coletivo com base em levantamentos de dados dos custos da produção. Alguns coprodutores relataram que o valor praticado é próximo e talvez até mais em conta que o encontrado no comércio, destacando o fato de ser orgânico, a quantidade e qualidade, além da valorização do trabalho árduo de um agricultor.

Quando questionados se havia a necessidade da proposição de novos tamanhos da cesta, 40% propôs não necessitar e 53% sugeriu novos tamanhos de cota, como pequeno (P), médio (M) e grande (G), além de ter surgido a proposta de uma cota composta só por folhas ou frutas, necessidade reforçada em casas com crianças pequenas e pessoas em com restrição alimentar. Destaca-se que o tamanho pequeno (P) das cestas foi acordado inicialmente pelo grupo por ser mais viável ao início da produção para formação da CSA, ficando também acordado a possibilidade de adesão de uma cota maior com o passar do tempo. Atualmente a cota é composta por uma (01) variedade folhosa (pé ou maço), dois (02) legumes (mínimo 350g a 500g por item - 1 kg no total), dois (02) temperos (maço), uma (01) raiz (mínimo 500g), duas (02) frutas (por kg ou unidade, depende do tipo de fruta), um (01) cereal (1 kg, com exceção do café e pipoca). Sendo levado em consideração nas quantidades listadas o tipo e característica dos hortifrutis.

Em relação ao tempero que os coprodutores mais gostariam de receber em todas as cestas, os mais escolhidos foram a cebolinha, salsa e o coentro, já os que apresentaram baixa aceitação foram o hortelã pimenta e o manjeriço. Em relação às folhas, alface e couve apareceram como prioridade disparadamente, e outras folhas citadas foram o brócolis, a rúcula, a taioba e as Plantas Alimentícias não Convencionais (PANC). As verduras com maior aceitação foram o tomate, cenoura, pimentão e o aipim, enquanto o maxixe foi o de menor aceitação. Das frutas escolhidas para compor a cesta semanalmente, a banana foi a que mais se destacou, aparecendo também outras variedades, como laranjas, limão, jabuticaba, coco seco, manga, mamão, mexerica. Dentre os que tiveram menor interesse, foram citados o jenipapo, cacau e cajá. Feijão e milho de pipoca foram os grãos mais citados para repetição nas cestas, enquanto o fubá foi o único grão que relataram não ter interesse em consumir mais de uma vez na semana.



Todos os coprodutores avaliaram positivamente a relação entre produtores e agricultores. Observou-se também que as mudanças de hábitos que o CSA pode despertar nos coprodutores está relacionada com todas as etapas do processo de aquisição da cesta, desde a preocupação com o produtor, a variedade de alimentos novos consumidos, até a retirada de produtos por meio de sacolas próprias.

## Conclusões

A partir das análises conclui-se que mesmo com a ótima aceitação do programa CSA, os participantes da comunidade ainda tem muito apego com as verduras e frutas comerciais, por exemplo, tomate, alface, couve e banana, não se importando com as repetições seguidas semanais desses itens, enquanto apresentam uma certa rejeição com temperos, frutas e legumes que são considerados PANC, bem como com as menos comerciais como: maxixe, jenipapo, cacau, entre outras, fazendo com que eles não se agradem com às repetições desses alimentos. Ficando explícito a necessidade de inserir novos produtos diferentes de forma gradativa, para que as pessoas tenham o seu tempo de descobrir como lidar com cada item, além de ser interessante e importante fazer um trabalho educativo com o grupo, sobre cada produto novo e sua importância nutricional, como também sugestões de receitas.

Também se conclui a necessidade de começar a pensar mais na proposta de uma cesta que supra a demanda das casas com crianças, com mais frutas e verduras.

Conforme visto nos relatos, o CSA “Terra viva” embora esteja se estruturando, mostrou excelente desempenho, e é significativo para aproximar os participantes de debates como: educação e soberania alimentar, a importância da agricultura familiar, garantindo assim a valorização e a visibilidade desses agricultores familiares. Conhecer a relação desses coprodutores com a os agricultores, mostra que esse arranjo produtivo tem potencialidade para gerar uma proposta que envolva expansão da produção, trabalhando, por exemplo, com a possibilidade de outros tamanhos de cotas.

## Referências bibliográficas

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HITCHMAN, Judith. Agricultura sustentada pela comunidade: um modelo que prospera na China. **Agriculturas**. Rio de Janeiro, v. 12 - n. 2, junho/2015. Disponível em: <[\\_aspta.org.br/wp-content/uploads/2015/10/Agriculturas\\_V12N2\\_Artigo4.pdf](http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2015/10/Agriculturas_V12N2_Artigo4.pdf)>. Acesso em junho de 2019.

**XI CBA**  
**Congresso**  
**Brasileiro de**  
**Agroecologia**  
Ecologia de Saberes:  
Ciência, Cultura e Arte na  
Democratização dos  
Sistemas Agroalimentares



CARNEIRO, Roberto Guimarães. **Produção orgânica e Organização de Controle Social (OCS)** : cadastramento de OCS, procedimento para controle social e qualificação da produção / Roberto Guimarães Carneiro. – Brasília : Emater-DF , 2016. 38 p.

GONÇALVES, Flávio de Oliveira et al. **Motivações para o Consumo de Alimentos Orgânicos - Possibilidades do Distrito Federal**. Brasília-DF: Maurício Suda, 2016.